

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT
Especialização em Gênero e diversidade na escola

PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA UTILIZADAS NO COTIDIANO:
O glossário e atividades lúdicas como estratégias de ensino para surdos

Walquíria Chagas de Castro Famelli

Belo Horizonte
2016

Walquíria Chagas de Castro Famelli

PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA UTILIZADAS NO COTIDIANO:
O glossário e atividades lúdicas como estratégias de ensino para surdos

Projeto de intervenção submetido ao Curso de especialização “Gênero e Diversidade na Escola” (GDE) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista.

Orientadora: Isabela Saraiva de Queiroz
Co-orientadora: Johanna Katiuska Monagreda

Belo Horizonte
2016



ATA DA DEFESA DE MONOGRAFIA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA DE WALQUÍRIA CHAGAS DE CASTRO FAMELLI

Aos 25 (vinte e cinco) dias do mês de FEVEREIRO de DOIS MIL E DEZESSEIS reuniu-se a banca examinadora da monografia em Especialização em Gênero e Diversidade na Escola com o título: "*PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA UTILIZADAS NO COTIDIANO: O glossário e atividades lúdicas como estratégias de ensino para surdos*", composta pelos professores: **Professora DRA. Isabela Saraiva de Queiroz (ORIENTADORA - PUC MINAS)**, **Doutoranda Johanna Katiuska Monagreda (CO-ORIENTADORA UFMG)**, **Mestre Thalita Rodrigues**, **Doutoranda M.^a Jaiza Pollyanna Dias da Cruz Rocha (UFMG)**.

Procedeu-se à argüição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade por sua aprovação.

Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2016.

Banca Examinadora:

Professora DRA. Isabela Saraiva de Queiroz (ORIENTADORA-PUC MINAS)

Doutoranda Johanna Katiuska Monagreda (CO-ORIENTADORA UFMG)

Mestre Thalita Rodrigues (UFMG)

Doutoranda M.^a Jaiza Pollyanna Dias da Cruz Rocha (UFMG)

Dedico este trabalho acadêmico aos meus queridos alunos surdos e a toda comunidade surda, que muito me ensinaram nesta trajetória profissional da educação, impulsionando-me de maneira direta ou indireta para que eu buscasse novos conhecimentos na área da surdez e nesta língua (Libras) que com certeza encanta e é riquíssima. Eles foram a razão para a construção deste projeto de intervenção.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a elaboração deste trabalho, em especial a Deus que em todos os momentos está comigo e permitiu que este projeto acontecesse.

Ao meu esposo Sérgio, que muitas vezes compreendeu a minha ausência para dedicação aos estudos.

A meu pai Anólio Patrício , minha mãe Osvaldina e a toda minha família pelo incentivo constante nos estudos e pesquisas, pelo grande apoio e por acreditar sempre no meu potencial.

Aos alunos Surdos; ao instrutor de Libras Maurício que muito contribuiu na filmagem e nas pesquisas dos sinais; aos intérpretes da escola pela dedicação e apoio e aos demais colegas de trabalho.

Agradeço a orientadora Isabela Saraiva de Queiroz e co-orientadora Johanna Katiuska Monagreda pelo carinho, atenção e dedicação.

RESUMO

Este projeto de intervenção objetivou atuar na promoção da acessibilidade de informações acerca da cultura afro-brasileira no que se refere à influência da língua africana na língua portuguesa. O foco central da proposta foram as palavras de origem africana que são utilizadas por muitos brasileiros no cotidiano. O projeto foi realizado com estudantes surdos, usuários de língua de sinais, de uma escola pública da rede municipal de Contagem. O desenvolvimento do projeto ocorreu dentro de uma proposta bilíngue com respeito à cultura, língua e identidade destes estudantes. Também teve o objetivo de proporcionar um debate de desconstrução da África relacionada à fome, escravismo, pobreza, doenças e outras visões estereotipadas e na ampliação do vocabulário do estudante surdo. Para alcançar tais objetivos foram realizadas atividades diversificadas: levantamentos das palavras de origem africana; pesquisa de sinais das palavras; construção e aplicação de jogos associando imagem, sinal e palavra; construções de frases pelos estudantes; leitura de livro e como produto final a produção de um glossário bilíngue da língua de sinais em formato de vídeo e um glossário impresso. Os resultados obtidos apontaram para a contribuição da valorização da cultura africana e proporcionou aos estudantes um aprendizado de palavras novas, além de atuar na contribuição para a comunidade surda, uma vez que pretende-se, após finalização de toda a proposta, disponibilizar o glossário em site. Percebeu-se que uma proposta educativa que respeite as particularidades do sujeito surdo, com uso de recursos visuais e atividades lúdicas mostrou ser uma importante ferramenta para promover o acesso ao conhecimento.

Palavras chave: cultura afro-brasileira; acessibilidade; surdo; glossário.

ABSTRACT

This intervention project aimed to work in the promotion of accessibility of information about the African - Brazilian culture in relation to the influence of African languages in Portuguese. The central focus of the proposal was the words of African origin that are used by many Brazilians in everyday life. The project was conducted with deaf students, and sign language users from a public school in the municipal network of Contagem. The project development occurred within a bilingual proposal with respect to culture, language and identity of these students. It also aimed to provide a deconstruction of debate in Africa related to hunger, slavery, poverty, disease and other stereotypes and also widening the deaf students vocabulary. Diversified activities were conducted in order to achieve these goals: surveys of words of African origin ; search words of signals; construction and application of games associating image, signal and word ; constructions of sentences by the students ; reading books and as a final product producing a bilingual glossary of sign language video format and a printed glossary. The results pointed to the contribution to the appreciation of African culture and gave students new words to learn, also acting in contribution to the deaf community, since it is intended, after completion of the full proposal, to provide the glossary site. It was found that an educational proposal that respects the particularities of the deaf subject, using visuals and recreational activities proved to be an important tool to promote access to knowledge.

Keywords: African - Brazilian culture; accessibility; deaf; glossary

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

DCN_S - Diretrizes Curriculares Nacionais

EJA - Educação de Jovens e Adultos

L1- Primeira língua

L2 - Segunda língua

Libras - Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
METODOLOGIA	22
CRONOGRAMA	27
AVALIAÇÃO , RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	39
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO:

"O conhecimento partilhado em igualdade de condições, com todos, deve ser a motivação de nossa existência." (autor desconhecido)

Em 1990, ocorreu a “Convenção Mundial de Educação Para Todos”, quando se aprovaram artigos relevantes relacionados à garantia do direito do ensino independentemente das diversidades e particularidades do educando. Nos momentos que sucederam este legado histórico e cultural, instrumentos, técnicas, procedimentos e meios legais foram implementados nos sistemas brasileiros de educação efetivando o direito de inclusão. Neste contexto, a função primordial da escola é garantir o acesso ao conhecimento e premissas necessários à vida social do indivíduo. A escola por ser um local de formação humana, desempenha um papel de extrema relevância na vida, contribuindo na construção de atitudes e valores importantes para a formação da cidadania dos educandos, consolidando-se como um lugar para todos. Uma das práticas do ambiente escolar é a troca de informações entre alunos e professores, dos educandos entre si e com toda a comunidade escolar. Com função de educar, preparar, informar e possibilitar a aprendizagem, o espaço escolar contribui para promover igualdade de oportunidades de acesso, permanência e aproveitamento a todos, sem distinções. Nas últimas décadas, a inclusão tem sido tema nacional e internacional de discussão, ocorrendo mudanças nas políticas públicas para o acesso das pessoas com deficiência em escolas, empresas, repartições públicas, adaptações dos meios de transporte e outros. Isso permite avanços significativos para todos, com oportunidade de igualdade e respeito. A aplicação de políticas públicas, as ações concretas referentes à inclusão trazem valores humanos tornando melhor a sociedade no sentido humanitário. De acordo com Sasaki:

Inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência e, simultaneamente, estas se preparam para assumir papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997, p.3).

É necessário que se tenha adaptações para que a inclusão se efetive com qualidade. Tais adaptações não devem partir do sujeito inserido, pois assim trataríamos apenas de integrar e não incluir. A noção de inclusão está ligada ao direito à igualdade, ela parte de princípios como o da aceitação das diferenças individuais; da valorização de cada pessoa; da convivência dentro da diversidade humana, sendo esta diversidade representada por origem nacional, sexual, religião, gênero, cor, idade e deficiência (Sassaki, 1997).

Esta proposta de projeto de intervenção visa atuar no caso específico de inclusão de sujeitos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras). As condições existenciais e respectivos desafios a serem coletivamente construídos na inserção e inclusão do surdo são muitos. Hoje, temos o enquadramento de diferentes categorias de pessoas com deficiência discriminada no art. 4º do Decreto Federal nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, alterado pelo Decreto Federal nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004:

“Art.4º É considerada pessoa com deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias:

I – deficiência física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções;

II – deficiência auditiva – perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz;

III – deficiência visual – cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores;

IV – deficiência mental – funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como:

- a) comunicação;
- b) cuidado pessoal;
- c) habilidades sociais;
- d) utilização dos recursos da comunidade;
- e) saúde e segurança;
- f) habilidades acadêmicas;
- g) lazer; e
- h) trabalho;

V – deficiência múltipla – associação de duas ou mais deficiências.”
(BRASIL,2004)

Em se tratando especificamente do inciso II, referente ao deficiente auditivo, deve-se pleitear que o surdo na escola seja um sujeito social que apresenta uma cultura própria e uma língua diferente da língua majoritária de seu país. Este sujeito que não se vê e não deve ser visto como deficiente, mas sim como linguisticamente diferente, assimila o conteúdo através da Libras, primeira língua dos surdos e uma das marcas de sua identidade que o leva a interagir diretamente com a sociedade ouvinte e com outros surdos. O decreto Federal nº 5626/05, regulamenta a Lei nº 10.436/02, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098/00 e retrata em seu art. 2º sobre a pessoa surda:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. (Brasil, 2005)

O surdo é pertencente a uma minoria linguística e cultural, já que a maioria da população é falante de uma língua oral-auditiva (português) e os surdos por vez, são usuários de uma língua viso-gestual (Libras). Vianna também ressalta a importância da língua de sinais:

Considerada a língua natural das comunidades Surdas, as Línguas de Sinais possuem características próprias, valendo-se da gesticulação, das expressões faciais e das marcações e expressividade corporal como um canal de comunicação substituto a vocalização. (VIANNA, 2014, p. 18).

Há de se levar em conta estas diferenças linguísticas na educação de surdos, por isso é importante respeitar a língua e cultura através do uso de recursos didático-pedagógicos no ensino. É preciso inovar nos procedimentos e mecanismos diferenciados para que este estudante tenha um real desenvolvimento cognitivo, ampliando os significados de sua vida em sociedade. Vislumbrar as perspectivas de inclusão e promoção do atendimento educativo na construção de múltiplas relações estabelecidas em sociedade pode ser o suporte que construirá sua autonomia. Para Moura (1996), a língua de sinais é base para a construção das relações afetivas, sociais, econômicas e políticas do sujeito surdo com o outro, independente deste outro ser surdo ou ouvinte. Conforme relata Strobel:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de

comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento global. (STROBEL, 2008, p.44)

A esse respeito, Sacks (2010, p. 105) afirma que “a língua de sinais é a voz não só biológica, mas cultural e impossível de silenciar dos surdos”. No contexto da surdez o termo cultura é uma referência à língua de sinais e às estratégias sociais e modos de ser do surdo no mundo. Strobel discorre a respeito da cultura surda:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. [...] O essencial é entendermos que cultura surda é como algo que penetra na pele do povo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e comportamentos. (STROBEL, 2009, p.27).

Cultura surda é como os sujeitos surdos entendem o mundo, esta cultura passou por dificuldades que ainda persistem de afirmar sua identidade, por pertencer a uma minoria. Strobel (2009, p. 21) enfatiza que o sujeito, “em seu contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade”. Segundo Perlin (2001), a identidade não tem um conceito específico, no entanto “[...] é algo em questão, em construção, móvel, que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições.” (PERLIN, 2001, p.52).

É importante salientar que para que ocorra a inclusão dos sujeitos surdos e o respeito à sua identidade e cultura, o acesso ao conhecimento em sua primeira língua L1 (Libras) é primordial, este acesso não ocorre nas mesmas vias do ouvinte. O surdo necessita de recursos e experiência visual e o uso de língua de sinais, para que suas interações cotidianas sejam mobilizadas de maneira eficaz. O português para o surdo é a sua segunda língua (L2). Esta proposta educacional é conhecida como bilinguismo, que estabelece que os surdos necessitem adquirir como língua materna ou L1, a língua de sinais e como segunda língua ou L2, a língua oficial de seu país. Neste sentido, busca-se trazer a este debate o aporte teórico de Vianna:

Os surdos bilíngues seriam então, usuários naturais da língua de sinais e proficientes no idioma oficial do seu país. Essa proposta baseia-se no fato de que o surdo, por si só, já vive numa condição naturalmente bilíngue e

bicultural, isto é, transita diariamente com duas línguas e duas culturas: a língua de visibilidade e a cultura visual de toda a comunidade surda em que está inserido; a língua oral / escrita e a cultura ouvinte de seu país. (VIANNA, 2014, p.89).

A proposta bilíngue, na qual a língua de sinais é a primeira língua e mediadora da segunda, traz uma contribuição importante para o desenvolvimento cognitivo e aumento do vocabulário do surdo. Segundo Brito (1986), citado por Lima (2004), a proposta educacional mais apropriada para a educação dos sujeitos surdos propõe a aquisição do português como uma segunda língua:

A língua de sinais é imprescindível ao surdo, mesmo que este, no início, esteja limitado à comunicação apenas com aqueles que manipulem bem esta língua ou que se iniciem no seu aprendizado. Posteriormente, em contato com a língua oral, sua segunda língua, terá alcançado maior aptidão em todos os níveis (psicológico, cognitivo, social e linguístico) para enfrentar a árdua tarefa de seu aprendizado. O surdo já terá tido a prática de socialização através dos sinais, suporte para o aprendizado da língua oral, vale dizer, terá já estabelecido uma comunicação gratificante. (BRITO *apud* LIMA, 2004, p. 38).

O entendimento acerca destas particularidades do surdo e o respeito às diversidades e particularidades de cada sujeito, são fatores primordiais para nortear as estratégias de ensino da proposta de intervenção aqui apresentada, tendo como foco a cultura afro-brasileira em cumprimento da lei 11.645/08. A Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, diz em seu artigo 26 que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
 § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008)

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana discorrem sobre a necessidade de desenvolvimento de projetos que valorizem a

história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros e desconstruam os estereótipos que geram preconceitos e racismo.

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. (BRASIL, 2004, p.12).

Uma das leis que foram importantes neste processo de combate a discriminação racial foi a lei 10.678/03 que “cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República e dá outras providências” (BRASIL, 2003).

A Lei 11.645/08 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, quer sejam públicas e/ou particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, sendo importante que o acesso ao conhecimento seja possível a todos. A abordagem da temática vai além do estudo dos povos negros escravizados, é preciso também proporcionar um aprendizado da influência da cultura afro-brasileira como formadora da sociedade brasileira. As contribuições dos negros nesta formação, valorizando a cultura, as religiões de matrizes africanas, a influência na culinária e na língua portuguesa. Aguessy (1977) citado por Barbosa ((2015) destaca sobre a importância da inserção da temática nos currículos:

A inserção de temas referentes às culturas africanas e afro-brasileiras em nossos currículos permitirá maior compreensão de seus modos de funcionamento, bem como as influências que exerceram e continuam a exercer sobre a nossa sociedade. (AGUESSY *apud* BARBOSA, 2015, p.20).

Na língua portuguesa, que é o foco deste projeto de intervenção, ocorreu uma influência da língua africana trazida pelos negros. Mendonça relata:

Temos provas de que foram faladas no Brasil as seguintes línguas: Nagô ou ioruba, quimbundo, gêge ou ewe, kanuri ou nifê, e guruncis. Destas se salientaram duas que foram adotadas pelos negros no país, como línguas gerais: o nagô ou ioruba na Bahia e o quimbundo no Norte e no Sul. O quimbundo, pelo seu uso mais extenso e mais antigo, exerceu no português uma influência maior do que o nagô. (MENDONÇA, 2012, p.63)

Conforme ainda relata Mendonça (2012, p.80) “O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenômenos de osmose.”

Levando em conta as particularidades do surdo, o presente trabalho pretende desenhar e aplicar estratégias de ensino para o estudo da influência da língua africana na língua portuguesa, pensando nas palavras de origem africana que utilizamos no cotidiano. Serão utilizados para isto, recursos visuais, vídeos, materiais adaptados para estudantes surdos, jogos, construções de glossário bilíngue em língua de sinais brasileira e outros. Estas estratégias estarão dentro de uma proposta bilíngue, objetivando um aumento de vocabulário destes estudantes usuários de Libras (L1) que tem a língua portuguesa como segunda língua (L2), além da discussão acerca da influência da África na língua portuguesa.

Pode-se reafirmar que a escola é um dos espaços privilegiados para discussões mais qualificadas sobre a temática. Na escola ocorre a construção de um ambiente pedagógico onde os conhecimentos saem do senso comum para o científico e se difundem com maior domínio e propriedade. O estudo da influência africana além de proporcionar o conhecimento de palavras novas, incentiva reflexões a respeito da diversidade cultural, inclusão social, racismo e tolerância. O estudante percebe como a riqueza cultural africana influencia de modo positivo na vida social e desconstrói uma visão da África somente de pessoas escravizadas e pobreza.

Mesmo diante do avanço tecnológico, a escola ainda é o local de grande acesso a informações, principalmente se tratando de surdos. É evidente que para a escola ter maior acessibilidade e permitir aprendizado de maneira mais eficaz ao surdo, precisa ter intérpretes de libras, instrutor surdo usuário de libras, professores com adaptação de materiais e contato com outros pares surdos para que ocorra a construção da identidade surda.

A escola alvo desta proposta de intervenção tem em sua realidade uma maioria de estudantes surdos com pais ouvintes que não dominam a língua de sinais ou possuem conhecimento superficial dela, ficando assim comprometida a comunicação entre eles. Os meios de comunicação nem sempre atingem os estudantes surdos por falta de legenda ou janela ou pelo fato de jornais impressos e revistas serem em português, que é a segunda língua do surdo e que nem sempre ele tem o completo domínio. O material didático utilizado na escola, como os livros

didáticos, também prioriza a língua portuguesa, fazendo com que a educação de surdos seja um desafio ainda maior. Faulstich (2012) citado por Ribeiro (2013) retrata sobre a relevância do uso do dicionário para a consulta de vocábulos:

O vocabulário é ampliado ou enriquecido à medida que o falante aumenta sua convivência sociocultural, lê obras diversificadas e procura indagar metodicamente o significado de palavras desconhecidas. Nesse caso, o dicionário é um importante documento de consulta, que auxilia o usuário a compreender os significados das palavras e a aprender os significados de outras que não fazem parte de seu vocabulário, para então usá-las com propriedade. (FAULSTICH *apud* RIBEIRO 2013, p.29).

Além do domínio das regras gramaticais, a posse de um vocabulário ajuda na leitura e escrita, pois novas palavras assimiladas fazem com que a escrita discorra. Se estas novas palavras a serem aprendidas estiveram contextualizadas é mais fácil aprendê-las e utilizá-las quando houver necessidade. Os jogos com palavras do vocabulário aprendido e contextualizado também é um relevante recurso, pois o trabalho lúdico é um facilitador do conhecimento. A construção do glossário bilíngue servirá de consulta, pois o estudante poderá recorrer a ele sempre que for necessário, seja para construção de frases e textos ou mesmo em atividades lúdicas como jogos. De acordo com Fernandes:

Se há um texto circulando socialmente é porque seu conteúdo está vinculado à vivência do aluno; sua intenção comunicativa delimitará uma temática de interesse para discussão. Nosso único trabalho é saber se ele é adequado aos interesses da faixa etária de nossos alunos. Folhetos publicitários, *outdoors*, cartazes, jornais, gibis e revistas, são veículos portadores de textos significativos pela relação que têm com o cotidiano do aluno, permitindo-lhes fazer associações com seu conhecimento prévio. Esta é a fonte que devemos buscar. (FERNANDES, 2006, p. 17)

A utilização de elementos significativos e lúdicos é um facilitador da aprendizagem. Mas é um desafio à educação de surdos, e trabalhar as relações étnico-raciais com estes estudantes requer estudo, adaptação e criatividade, uma vez que os livros didáticos são em língua portuguesa que não é a primeira língua dos surdos.

Os objetivos específicos estão relacionados no sentido de proporcionar acessibilidade às palavras de origem africana usadas no cotidiano do estudante surdo; propiciar aos educandos o conhecimento sobre a importância e influência da língua africana na construção da língua portuguesa; desconstruir um imaginário da

relação África e Brasil, somente de escravidão, pobreza e outros estereótipos e atuar na proposta de letramento para os surdos através de jogos, construção de glossários adaptados e produções textuais dos sujeitos surdos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida através da Lei 10.436/02, em âmbito nacional como língua da comunidade surda do Brasil e com isto, surgiram as primeiras políticas linguísticas considerando a língua e a cultura surda:

Art. 1º Reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.(BRASIL, 2002).

A língua de sinais é uma língua viso-espacial, sendo o recurso visual um importante meio que facilita e promove o processo de aprendizagem para estudantes surdos. A escola deve pensar e traçar as estratégias e práticas para o ensino do surdo, não somente baseadas no processo de codificação e decodificação. De acordo com Rojo (no prelo) citado por Hildebrand (2011), “Se os textos mudaram, mudam também as competências/capacidades de leitura e produção de textos requeridos” (ROJO *apud* HILDEBRAND, 2011, p.3).

Dentre os estudos recentes acerca da importância do recurso visual destacam-se alguns autores que referendam esta temática, como Furtado citado por Reily (2003) que propõe a utilização da imagem como uma alternativa semiótica a ser utilizada pelos profissionais que atuam no contexto da surdez. Estes autores relatam a imagem como sendo um instrumento mediador da aprendizagem. Há que se observar que as imagens em si já apresentam aspectos e qualidades específicas e devido à facilidade que os surdos apresentam em perceber o mundo através da visualidade, este recurso se mostra um facilitador e auxílio para o seu processo de ensino e aprendizagem. Reily (2003) ainda afirma sobre os recursos visuais que a

imagem traz consigo e o potencial de ser aproveitada como meio para transmitir conhecimento:

[...] para o aluno surdo o caminho da aprendizagem necessariamente será visual, daí a importância de os educadores compreenderem mais sobre o poder constitutivo da imagem, tanto no sentido de ler imagens quanto no de produzi-las. (REILY, 2003, p.169).

Considerando esses aspectos, a importância de estratégias e elementos visuais como construtores do processo de letramento para os surdos é relevante, uma vez que se observam as diferenças entre oralidade e visualidade como elementos importantes no processo de cognição através de material didático e de jogos para surdos. Muitas vezes, a ausência de material de ensino específico para os estudantes surdos se torna uma barreira e/ou diminui o acesso à informação ou os coloca diante apenas de informações superficiais e precárias, privando-os de um entendimento mais profundo e concreto do objeto de estudo.

Em relação ao ensino da cultura afro-brasileira determinada por lei e de importância inquestionável, é de extrema relevância a acessibilidade de informações referentes a esta temática para todos. Ensinar sobre a importância da África na construção da nossa cultura e língua portuguesa é um desafio na educação de surdos principalmente pela precariedade de recursos e materiais adaptados.

Mesmo sendo a sociedade brasileira constituída por diversos grupos étnico-raciais, temos uma história marcada pelas discriminações e desigualdades sociais contra a população negra. Parte deste preconceito está ligado ao desconhecimento ou conhecimento prévio de maneira distorcida ou relacionada somente com o escravismo, como muitas vezes é proposto em livros didáticos, não propiciando o estudo da importância da cultura afro na construção do país, bem como da língua, culinária, danças e outros. Silva (2007) relata que o conhecimento acerca da África ajuda no conhecimento da história do nosso país:

Quando se conhece melhor a África, pode-se conhecer melhor o próprio Brasil, pois de lá veio grande parte de nossos antepassados. E porque também muitos episódios da história brasileira estiveram relacionados ao que ocorria no lado de lá do Atlântico. Não se trata de saber mais somente para deleite intelectual, compreender a história e cultura africanas pode ser a diferença entre acolher e conviver versus recusar e discriminar. (SILVA, 2007, p.64).

Por muitos anos o Brasil recebeu milhares e milhares de africanos, trazidos para serem escravizados e explorados como mão de obra. Os negros que aqui chegavam vieram de vários países da África, seja para trabalhar na lavoura e posteriormente na mineração. Conforme relata Mendonça:

[...] a sua maior capacidade de trabalho na lavoura da cana, acabou de convencer todos sobre a excelência desta inovação. Como boa aquisição, que era na época, propagou-se rapidamente e a Bahia tornou-se o maior mercado negro. Pernambuco e Bahia, nos dois primeiros séculos da história colonial, são os grandes centros de condensação africana. O descobrimento e a exploração das minas vieram, porém, criar um novo polo, diverso do agrícola, para a economia brasileira. E a este movimento seguiu-se outro de migração, fazendo-se sentir a ausência de braços. É ainda o negro quem vai fornecer o contingente necessário (MENDONÇA, 2012, p.61).

Mendonça ainda relata que os primeiros negros vieram em 1538:

Os primeiros negros da Guiné vieram em 1538 trazidos por um navio pertencente a Jorge Lopes Bixorda, arrendatário da colônia. Também, Duarte Coelho, donatário de Pernambuco, se interessava na importação de tais peças e a El-Rei escrevera em 1539, rogando isenção de direitos para aquela “mercadoria” (MENDONÇA, 2012, p.46).

O período de escravidão (1530–1888) deixou-nos um legado de preconceito e discriminação social contra a população negra. A ideologia do branqueamento é um dos elementos importantes para entender o racismo no Brasil.

No período após a abolição, o branqueamento esteve relacionado a uma grande diminuição no número de negros, principalmente por causa da mistura dos povos (brancos com negros) com vistas ao aumento no número de pessoas de pele mais clara, pois se acreditava que depois de anos a população negra diminuiria por causa da miscigenação. Domingues (2002, p.581) assegura que “a ideologia do branqueamento, em certas circunstâncias, apresentava desdobramento no terreno biológico. A premissa era de que o negro melhoraria biologicamente sua raça casando com alguém mais claro.”

Ainda hoje se percebe atitudes relacionadas ao branqueamento com forte influência na estética, com pessoas querendo ser de uma aparência mais “branca” seja nos traços do rosto, textura do cabelo ou outras. Pessoas que tecem elogios a outras como “é negro, mas é bonitinho, com cabelo arrumado e traços mais finos”, mas que nada dizem ou pior agridem com atitudes, olhares, palavras, ofensas,

aqueles por eles vistos como "fora do padrão" pré-estabelecido. Como destacou Nogueira:

No Brasil, há uma expectativa geral de que o negro e o índio desapareçam, como tipos raciais, pelo sucessivo cruzamento com o branco; e a noção geral é de que o processo de branqueamento constituirá a melhor solução possível para a heterogeneidade étnica do povo brasileiro. Diante de um casamento entre uma pessoa branca e uma de cor, a impressão geral é a de que esta última foi "de sorte" enquanto aquela ou foi "de mau gosto" ou se rebaixou, deixando-se influenciar por motivos menos confessáveis. Quando o filho do casal misto nasce branco, também se diz que o casal "teve sorte"; quando nasce escuro, a impressão é de pesar. (NOGUEIRA,2006,p.297)

A educação pode ajudar a oferecer aos educandos a possibilidade do questionamento e desconstrução de atitudes preconceituosas e racistas que muitas vezes são presenciadas pelos alunos quer seja através da mídia ou outros meios. Por isso é importante não omitir o conhecimento e conteúdos relacionados à população negra e as contribuições do continente africano para o nosso país, contribuições estas que permeiam nossa culinária, nossos costumes, danças, ritmos musicais e o nosso idioma. Conforme relata Felipe:

A luta pela cidadania e pelo combate ao racismo e às práticas de discriminação racial não são um problema apenas da população negra, do afrodescendente ou do Movimento negro. Essa luta é de todos os que defendem o respeito à diversidade étnico-racial, social e econômica e combatem a desigualdade ou exclusão social. (FELIPE, 2009, p.45).

Guimarães também relata sobre a discriminação racial:

A ideia de que o Brasil era uma sociedade sem "linha de cor", ou seja, uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou a posições de riqueza ou prestígio era já uma ideia bastante difundida no mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, bem antes do nascimento da sociologia. Tal ideia, no Brasil moderno, deu lugar à construção mítica de uma sociedade sem preconceitos e discriminações raciais. (GUIMARÃES, 2002, p.148)

O racismo à brasileira se mostra de forma "leve" e "sutil", de maneira inofensiva e indireta, é um racismo não declarado, no qual a maioria da população não se diz preconceituosa e racista, mas as atitudes de muitos mostram o contrário, o racismo permeia os nossos meios com certa frequência. Percebemos atitudes nas redes sociais, mídias que deflagram a discriminação contra o negro, sejam nas relações cotidianas e em algumas ações policiais onde o negro é visto muitas vezes

como marginal mesmo ainda que não seja, em contrapartida muitas vezes uma pessoa de pele mais clara ,que pode cometer delitos, nem sempre é visto de maneira marginalizada . No Brasil percebemos que a cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz, são focos de atitudes racistas. Camino relata que:

...este racismo à brasileira não tem nada de cordial; muito pelo contrário, por ser mascarado, ele é não apenas terrivelmente eficiente em sua função de discriminar as pessoas de cor negra, mas é também, lamentavelmente, muito difícil de erradicar. (CAMINO, 2001.p.22)

Presenciamos várias atitudes e falas racistas na mídia, nas redes sociais e em outros meios de comunicação e apesar das imagens mostrarem muito, o sujeito surdo nem sempre tem pleno acesso aos conhecimentos por falta de acessibilidade em todos os setores.

Os surdos, mesmo sendo detentores de uma língua diferente da maioria, língua esta oficializada por lei, estão inseridos na cultura ouvinte que tem majoritariamente como língua, o português. Sendo brasileiros, tem direito ao conhecimento da formação do seu povo, da língua e da cultura do seu país. De acordo com Gesser (2009): “Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua.” (GESSER, 2009, p. 76). Conforme cita Gomes :

A introdução da Lei nº 10.639/03 – não como mais disciplinas e novos conteúdos, mas como uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico – poderá romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial. (GOMES, 1999, p.116)

Conhecer a história e fazê-la conhecida para os sujeitos surdos é de fato pensar na inclusão e no direito de todos a uma educação de qualidade. A proposta deste trabalho vem ao encontro destas particularidades do sujeito surdo e da importância do estudo da cultura afro-brasileira.

Desconstruir preconceitos, construir conceitos e valores, reforçar atitudes que promovam uma sociedade mais justa e igualitária mostrando a importância da cultura afro-brasileira e a influência positiva que esta cultura apresentou e apresenta para todos os brasileiros é de grande relevância e estes conceitos precisam ser acessados por todos, sejam surdos ou ouvintes. Promover uma educação pensando na particularidade e na diversidade do sujeito é de fato promover a inclusão.

METODOLOGIA:

As atividades serão desenvolvidas na Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca, localizada no município de Contagem. Desde 2006 a escola conta com estudantes surdos através da implementação do Projeto Piloto de Educação de Surdos na referida escola. A escola foi escolhida por ser de ensino regular e estar localizada em um bairro de fácil acesso os moradores da cidade. Os estudantes que entraram na escola em 2006 e nos anos posteriores, estavam em sua maioria sem o conhecimento da Libras e hoje já apresentam domínio da língua de sinais .

É uma escola com propósito de assegurar uma educação de qualidade social para todos os estudantes, respeitando seus ritmos, diferenças e necessidades, proporcionando um trabalho cooperativo e desenvolvendo projetos. A escola atende o ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), possui três turnos de funcionamento: o turno da manhã onde são atendidos os alunos do 3º ciclo totalizando 341 estudantes, à tarde são atendidos os alunos do 1º e 2º ciclos totalizando 368 estudantes e no período noturno tem atendimento à EJA totalizando 170 estudantes.

Hoje a escola conta com 11 estudantes surdos, uma professora bilíngue , três intérpretes, um instrutor de Libras para atendimento a esses estudantes e a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde os estudantes são atendidos no contra turno. Dos estudantes surdos dez são do 2ª ano do 3º ciclo, sendo duas estudantes do sexo feminino e oito do sexo masculino e um estudante do sexo masculino do 1º ano do 3º ciclo, com idades entre treze á dezessete anos.

Essa complexidade linguística encontrada na escola requer a necessidade de uma proposta de trabalho diferenciada, que respeite a diversidade e as especificidades dos estudantes.

A educação inclusiva parte de um princípio de que todos têm capacidade de aprender, desde que suas diferenças sejam respeitadas e trabalhadas e que suas potencialidades sejam exploradas. A educação visa atender com qualidade e de maneira igualitária todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, respeitando as suas especificidades. De acordo com Bergamo:

No ambiente escolar cada estudante é singular, constituído de uma identidade única, determinada pelos valores, crenças, hábitos, saberes, padrões de conduta, trajetórias peculiares, possibilidades cognitivas do grupo social

com que estabelece relação. Por isso, é importante que os estudantes tenham seu tempo, sua forma de pensar e sua cultura respeitados. (BERGAMO, 2010, p.21).

As propostas de atividades para este projeto de intervenção apresentam a intencionalidade de facilitar o entendimento da influência da África no nosso país, principalmente no que se refere às palavras de origem africana que são usadas na língua portuguesa. As discussões, vídeos, leituras e demais, devem ser trabalhadas respeitando as particularidades dos surdos, em língua de sinais e elementos visuais, em uma proposta bilíngue.

A proposta de intervenção está dividida em duas etapas sendo que apenas a primeira faz parte deste trabalho de intervenção. Esta primeira etapa é composta por seis atividades: 1) levantamento do conhecimento prévio dos estudantes; 2) construção do globo terrestre para localização do continente africano; 3) vídeos e documentários comentados; 4) visita ao Memorial Minas Gerais Vale com relatos da visita; 5) construção de frases com as palavras trabalhadas e confecção de um mural com estas frases e 6) filmagem dos alunos realizando os sinais das palavras de origem africana usadas no cotidiano. A segunda etapa do trabalho será realizada posteriormente e constará de cinco atividades sendo: 1) a produção individual de um glossário bilíngue com sinais, imagem e significado de cada palavra em uma versão escrita; 2) atividades com jogos contendo imagem, palavra e sinal; 3) criação de histórias em vários formatos, em quadrinhos, não verbais, verbais, poemas, receitas, bilhetes, folhetos e outros, trabalhando assim a produção da escrita; 4) leitura de livro e 5) postagem do glossário bilíngue em formato de vídeo no site da escola.

A primeira atividade da primeira etapa foi realizada através de levantamento do conhecimento prévio dos estudantes surdos acerca da África e/ou de palavras de origem africana. Os alunos inicialmente sinalizarão o que é a África para eles, descrevendo o que acham e o que pensam sobre o tema e a partir daí iniciaremos o discurso de desconstrução de uma África relacionada à pobreza, de uma influência africana no Brasil somente vista como escravidão, preconceitos e estereótipos. Esta desconstrução mostrará as contribuições da África para a cultura do povo brasileiro, tendo como foco principal as palavras usadas no cotidiano de muitas pessoas e que apresentam influência da língua africana. As palavras de origem africana utilizadas neste projeto de intervenção foram pesquisadas na internet e em sua maioria foram selecionadas de acordo com a popularidade do uso, outras foram selecionadas por

estarem ligadas as religiões africanas favorecendo uma discussão posterior, outras por estarem relacionadas a alimentos que utilizamos muitas vezes em nossas refeições, algumas delas também representando doenças conhecidas ou sintomas e outras.

A segunda atividade foi a construção coletiva de um globo terrestre para localização do continente africano, dimensões, população, fauna diversificada e outras curiosidades acerca do continente.

A terceira atividade consta de sessão de vídeos e documentários em língua de sinais: Um sopro africano em nosso idioma, ABC AFRO (Abecedário - África - Libras) ,Situação: a lei 10.639 e a disciplina história e cultura afro brasileira para surdo e o Glossário Orixás Libras. A escolha destes vídeos e documentários ocorreu através de levantamento de materiais e vídeos da Internet que retratavam a temática e que estivessem em língua de sinais e/ou com imagens para facilitar o entendimento e aprendizagem dos estudantes surdos usuários de libras.

Na sequência, uma discussão detalhada sobre o entendimento dos documentários. Primeiramente eles explicarão em língua de sinais e depois farão o registro escrito para o aprimoramento do português escrito, que é o alvo do ensino de português como segunda língua para os surdos.

Posteriormente, e como uma quarta atividade, os alunos visitarão o Memorial Minas Gerais Vale com foco no percurso africanidades e memória. A escolha deste museu ocorreu pelo fato do trabalho desenvolvido pelo mesmo, uma vez que possuem um percurso com a proposta de resgatar a cultura africana presente em Minas Gerais, percebendo e valorizando a diversidade étnico-cultural, assim como a identificação e o reconhecimento das diversas formas de resistência como as manifestações culturais. Os alunos farão um relato individual da visita através de atividade com perguntas direcionadas e uma representação em desenho sobre as salas visitadas ou ambientes do museu que mais gostaram.

As palavras de origem africana utilizadas no dia a dia serão trabalhadas primeiramente em tiras de papel juntamente com as imagens e os sinais em Libras. As palavras que não tiverem sinais conhecidos serão pesquisadas e na ausência de sinal o instrutor de Libras da escola irá propor o sinal para a respectiva palavra. Estas palavras serão trabalhadas também através de uso de *Power point* previamente produzido pela professora. Destas palavras, os alunos construirão frases para fazer parte de um mural realizado junto com os alunos e fixado na sala

de aula. Esta será a quinta atividade desta proposta de intervenção.

Uma parte do trabalho, relacionado a este projeto de intervenção, foi exposto em uma semana na escola que denominamos semana da diversidade. Esta semana da diversidade ocorreu pela primeira vez na escola. Nos anos anteriores já era trabalhado a temática e no dia da consciência negra fazíamos exposições de trabalhos dos alunos, mas houve uma necessidade de aumentar esta discussão visto que na mídia e redes sociais têm ocorrido bombardeios de informações e de atos preconceituosos relacionados ao racismo. Esta demanda deu origem a um trabalho mais elaborado, com tempo maior de discussões e envolvimento de todo o corpo docente da escola.

É importante salientar que a discussão não acontece somente nesta semana da diversidade, em todos os momentos, quando surge algum ato de preconceito ou falas racistas no ambiente escolar ou fora dele, o assunto é retratado e discutido em sala. A proposta desta semana também se deu pelo fato do compromisso de trabalhar a temática não somente por imposição da lei 11.645/08 , mas sobretudo pela importância que temos enquanto educadores, de atuar na formação do estudante contribuindo na construção de atitudes e valores importantes para a formação da cidadania e atuando para que eles sejam sujeitos críticos e que respeitem as diversidades.

Esta semana ocorreu no espaço físico da escola, na qual vários trabalhos foram desenvolvidos. Trabalhamos dentro de uma proposta interdisciplinar com a participação de todas as áreas (artes, geografia, história, ciências, português, matemática, ensino religioso e educação física). A proposta desta semana ocorreu com estudantes do 1º, 2º, 3º ciclo e EJA. Os trabalhos expostos foram diversificados, foram realizadas exposições de máscaras africanas feitas pelos estudantes juntamente com as professoras de artes, oficinas de penteado afro, biografia de personalidades negras que contribuíram para a história, painéis com as palavras de origem africanas usadas no nosso cotidiano e frases com estas palavras, organizadas pelos estudantes surdos, contendo imagens e sinalizadas em Libras. A semana também foi abrilhantada pela presença da autora de livros de literatura afro-brasileira, Maria do Carmo Galdino, que relatou suas experiências, contou histórias e participou de uma tarde de autógrafos, assim como a exposição e vendas de livros infantojuvenis de literatura afro-brasileira da editora Mazza Edições. Contou também com releituras da literatura africana orientados pela professora de inglês, aula prática

sobre a pele com a professora de ciências, roda de capoeira com grupo convidado e outras atividades.

Os objetivos da semana da diversidade foram de atuar na desconstrução de um continente visto como pobreza, fome e doenças; construção de ideias da riqueza cultural do continente africano e das imensas contribuições dadas por ele ao nosso país e a discussão do preconceito, de racismo, da beleza negra, da desmistificação dos estereótipos e outros.

Paralelamente a estas discussões dar-se-á o início da construção de um glossário bilíngue da língua de sinais brasileira contendo as palavras de origem africana utilizadas no português. Eles construirão um glossário com estas palavras que já foram previamente trabalhadas. A escola possui sala de recurso multifuncional e neste ambiente, juntamente com o intérprete e intrutor de libras, ocorrerá a filmagem de cada sinal destas palavras. Cada aluno surdo será filmado realizando os sinais das palavras já aprendidas em sala de aula, produzindo um vídeo com este material, os sinais serão também xerografados. A filmagem está relacionada à sexta atividade proposta na primeira etapa do projeto de intervenção.

A segunda etapa constará de cinco atividades, sendo a primeira a construção do glossário individual, associando a palavra, sinal e imagem. Através de pesquisa na internet, terão acesso ao significado da palavra e procurarão uma imagem adequada que represente a respectiva palavra, juntamente com o sinal já realizado pelos alunos e previamente entregue xerografado.

Utilizando estas mesmas palavras, será construído pela professora bilíngue, um jogo de memória usando imagens e palavras. Este jogo da memória será jogado em duplas, esta atividade lúdica também terá um caráter de fixação e aprendizagem e será a segunda atividade. Das mesmas palavras do glossário, os estudantes farão como terceira atividade a criação de histórias em vários formatos, em quadrinhos, não verbais, verbais, poemas, receitas, bilhetes, folhetos e outros, trabalhando assim a produção da escrita. A ampliação do vocabulário é importante para as construções de textos dos estudantes surdos no ensino de português como segunda língua.

Como quarta atividade, os alunos farão leitura do livro "Falando banto" (Gaspar, 2008), que apresenta histórias com as palavras de origem africana. E a última atividade da segunda etapa proposta será a postagem do vídeo do glossário bilíngue filmado com os próprios alunos realizando os sinais, este vídeo será postado no site da escola para consultas. O trabalho foi desenvolvido nos meses de

agosto a novembro de 2015 e terá continuação em fevereiro e março de 2016 e a avaliação será ao longo de todo o processo.

CRONOGRAMA:

O estabelecimento de datas e prazos para o desenvolvimento deste projeto de intervenção visa uma melhor organização e aplicabilidade da proposta, com início no ano de 2105 e término em 2016, conforme cronograma disposto abaixo:

Etapas	2015								2016	
	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Fev.	Mar.
Escolha do tema	x									
Levantamento bibliográfico		x	x							
Elaboração do anteprojeto		x	x							
Envio do anteprojeto				x						
Redação do projeto					x	x	x	x		
Aplicação do projeto				x	x	x	x		x	x
Semana da diversidade				x						
Avaliação								x		x

AVALIAÇÃO, RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A avaliação deste projeto de intervenção foi realizada durante toda a proposta e ainda será avaliada em março com a finalização da construção do glossário bilíngue das palavras de origem africana que são utilizadas no cotidiano de muitos brasileiros, este glossário será apresentado pelos alunos individualmente em formato de livro ou apostila. O glossário também foi filmado com ajuda do instrutor de Libras e estará disponível para consulta no site da escola em formato de vídeo.

Os resultados obtidos neste trabalho versará também sobre os resultados dos alunos durante o desenvolvimento do projeto de intervenção e será descrito como forma de avanços e aprendizagens.

Na primeira atividade os alunos deveriam sinalizar o que eles pensavam sobre a África, o que está “lá dentro da cabeça” quando se fala em África. A maioria dos alunos relatou o sinal de pobre, fome, no passado era escravo, doenças como AIDS, falta de água e o sinal de preconceito. Foi observado que nenhum aluno sinalizou palavras que mostravam a beleza, riqueza e contribuições boas do continente africano. Realizamos uma roda de conversa sobre o tema, conversamos sobre as danças que temos no Brasil como o samba, as comidas de origem africana como o tutu e o acarajé e as palavras de origem africana que usamos no cotidiano e eles ficaram surpresos com alguns sinais que representavam palavras que eram de origem africana e eles não sabiam, como: cafuné, canjica, banguela, cachaça, cachimbo, jiló, quiabo e tantas outras.

A construção coletiva do globo terrestre para localização e curiosidades sobre o continente também foram realizadas com grande entusiasmo, todos cooperaram, alguns se envolveram com maior afinco na pintura do globo, outros no recorte dos mapas que foram entregues com adaptações realizadas com ajuda do intérprete. Depois de realizada as atividades, discutiram e pesquisaram na internet sobre as curiosidades do continente africano, foi uma atividade descontraída e com grande envolvimento do grupo de estudantes.

Na atividade dos vídeos pré-selecionados, os alunos foram para sala de multimídia onde foi passado os vídeos já gravados do *Youtube* intitulados: “Influência das Línguas Africanas no Português do Brasil”, “Um sopro africano em nosso idioma”, “ABC AFRO (Abecedário - África - Libras) e “Situação: a lei 10.639 e a disciplina história e cultura afro brasileira para surdo”. Após assistir os vídeos os alunos relataram em língua de sinais e registraram por escrito o que entenderam . Foi usado as iniciais dos nomes dos educandos para a transcrição do relato em língua portuguesa, os quais foram :

D.W - “Surdo alegre aprender África”

C.L - “Importante África”

P.G - “Aprender palavra importante ter estudo”

A.M - “Bonito filme ter África ”

T.Y - “Algumas pessoas preconceito ter”

T.Y - “Feio preconceito, pessoas ter ”

G.A - “Português importante aprender mais África”

M.F - “Surdo triste ruim mundo preconceito ter”

M.E - “Mulher surda explicar tema África “

Outra atividade de grande envolvimento dos estudantes foi uma visita monitorada e previamente agendada ao Museu que faz parte do circuito de museus da praça da liberdade, o Memorial Minas Gerais Vale, com foco em africanidades e memórias. Os alunos ficaram encantados com o local, que é realmente lindo e interativo. Fomos juntamente com as intérpretes e instrutor de Libras que trabalham na escola, pois o museu não disponibiliza visita orientada em libras, percebendo-se a falta de acessibilidade. A visita foi cheia de surpresas onde os alunos puderam assistir uma projeção de vídeo sobre a África e explicações sobre os heróis negros que fizeram parte da história: José do Patrocínio, Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, Martin Luther King, algumas escritoras mineiras como Conceição Evaristo e Marlene Silva e várias salas como a fazenda mineira, sala das celebrações, o povo mineiro e outras. Foi feito um roteiro depois da visita para relatarmos o que ficou de aprendizado e a opinião sobre o museu.

P: Você gostou da visita ao museu? Por quê?

P.G - Lugar bonito mulher explicar tema África.

D.W - Ver mulher explicar África.

G.A - Museu bom e bonito.

M.F - Passear bom.

P: Das salas que visitamos qual achou mais interessante?

P.G - Mulher boa explicar filme África e pessoas lutar igual surdo por direito.

D.W - Filme África gostar.

G.A - Lugar que tem religião próprio da África.

P.: Escrever uma ou mais palavras que para você esteja relacionada à África

P.G - Passado pessoas África escravo, já estudar.

G.A - África de preto pobre.

D.W - Pobre

D.W - África pobre comida não ter.

T.Y - Lembra museu mulher falar pessoas importantes lutar.

M.E - África bom.

P: Em sua opinião, a África foi importante na formação do povo brasileiro?

P.G - Gostar comida da África já comer nome esqueci.

P.G - Mulher museu falar música de o Brasil ter África.

D.W - Música ter berimbau.

G.A - Palavra cafuné aprender já.

A próxima atividade aqui relatada refere-se a apresentação de um *Power Point* elaborado pela professora contendo informações sobre o continente africano, as influências do povo africano no Brasil e algumas imagens relacionadas as palavras de origem africana. Depois foi realizado o levantamento de algumas palavras de origem africana que muitos utilizam no cotidiano e juntamente com os alunos surdos, na sala de informática, procuramos estas palavras e imagem associadas a ela bem como o que significavam. Depois de reunidas as imagens e palavras juntamente com o significado, estas foram entregues para os alunos já xerografadas. Foi preciso pesquisar alguns sinais que o instrutor não tinha conhecimento ou mesmo que não existia o sinal, esta tarefa não foi nada fácil. Através de pesquisa na internet foi encontrado um pesquisador que fez um glossário de palavras relacionadas às religiões africanas e incorporado ao trabalho. As palavras que não tinham sinais conhecidos pelo instrutor, e que mesmo depois de pesquisas não foram encontrados os sinais, foram criadas pelo instrutor surdo usando principalmente classificador. Para facilitar a proposta de criação dos sinais, foram selecionadas imagens que representavam a palavra. A professora foi contribuindo com o instrutor, auxiliando-o através das imagens e da descrição das características do objeto, alimento, doença ou outros que simbolizavam as palavras de origem africana sem o devido sinal em Libras. As palavras foram sendo sinalizadas pelo instrutor e filmadas. Posteriormente, a filmagem de todos os sinais que comporiam o glossário, inclusive os construídos pelo instrutor, foi concretizada com a participação de cada aluno, eles faziam os sinais e realizávamos a filmagem que deu origem a um vídeo que posteriormente será postado no site da escola.

Através de sinal, palavra e imagem foram montados jogos de memória. O objetivo do jogo foi buscar o interesse do aluno pela temática e facilitar o aprendizado das palavras de origem africana que utilizamos muitas vezes e que algumas delas são conhecidas dos alunos, mas sem o conhecimento da origem. Foi uma atividade muito interativa e positiva ajudando a proporcionar aos alunos surdos o conhecimento de muitas palavras novas, atuando, com isto, no processo de ensino de por-

tuguês para os surdos como segunda língua. Das mesmas palavras do glossário, os estudantes fizeram frases, trabalhando assim a produção da escrita.

As frases dos alunos com as palavras de origem africana usadas no português foram:

Palavra: berimbau

G.A - A África próprio música na berimbau

T.Y - É um canto berimbau próprio da África

C.L - Homem ver muito bom berimbau

D.W - O berimbau são pessoas ouvir na dança

A.M - Homem eu capoeira igual berimbau

B. S - Eu gostar música dance fazer aprender bom berimbau capoeira

P.G - A música ouvir de dança batuque e berimbau

M.F - Homem só berimbau

Palavra: Cafuné

G.A - Mulher gosta coçar homem cafuné

T.Y - Cafuné coçar muito no cabelo por isso tá sujo

C.L - Homem ver gosto muito mulher cafuné

D.W - Minha mãe fazer cafuné e filho que gostoso

A.M - Cafuné mão mulher e homem namorada

B.S - Mulher gostar quer namorar homem sim cafuné mulher

P.G - Eu sempre cafuné de minha mãe

M. F - Juliana folgado cafuné

Palavra: marimbondo

G.A - Esse é foto perigoso, que marimbondo picar pessoa

T.Y - Marimbondo é perigoso se ela pica a perna ou braço dói muito

C.L - Muito ver marimbondo ter árvore

D.W - O marimbondo mata de bunda procurar para povo.

A.M - Marimbondo formiga preta e vermelho

B. S - Marimbondo comida folha água

P.G - A marimbondo é perigoso de precisa cuidado

M.F - Marimbondo folha pica homem

Palavra: acarajé

G.A - Brasil acostumado comer, diferente Africa comer acostumado gostoso

T.Y - Acarajé faz a bola partir em meio e coloca camarão etc.

C.L - Eu gostoso acarajé

D.W - As acarajé vai vende-se vós para loja

A.M - Acarajé comer já

B.S - Eu feira ir ver mulher acarajé

P.G - A acarajé ser gostoso e bom

M.F - Mulher feira ter acarajé

Palavra: angu

G.A - África que ter um mulher fazer comer angu

T.Y - Lá África costume faz comida e levou pra Brasil e inventou um nome “ angu”

C.L - Vovó fazer bom angu

D.W - No passado eu já comer de angu que gostosa.

A.M - Angu delícia

B.S - Família angu sempre fazer

P.G - O angu saúde bom

M.F - Angu ter escola

Os alunos leram o livro “Falando Banto” (Gaspar, 2008). Contaram com a ajuda de interpretação em libras de algumas palavras que não conheciam. O relato foi muito positivo e realizado em língua de sinais onde eles sinalizaram as histórias que mais gostaram. A história do meu cafofo, que fala de um lugar distante foi escolhida por muitos, aprenderam que a palavra cafundó significa distante e longe. Relataram sobre a história do “nenem bagunceiro” onde encontraram as palavras já aprendidas como: canjica, nenem, cafuné, moleque e outras.

O projeto ainda não foi finalizado, as próximas etapas serão ainda executadas em fevereiro e março, onde ocorrerão o término da construção do glossário em formato de livro ou apostila e a postagem do glóssario em formato de video que já foi finalizada e será postada no site da escola, observando que todos os alunos surdos já apresentam autorização do uso de imagem. A criação de histórias em vários o formatos, em quadrinhos, não verbais, verbais, poemas, receitas, bilhetes e folhetos com as palavras aprendidas também será finalizada em fevereiro e marco de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A proposta deste projeto de intervenção é elaborar estratégias de ensino para estudantes surdos usuários de língua de sinais, permitindo um melhor acesso ao conhecimento acerca da cultura africana e as influências desta cultura no Brasil. De acordo com Silva (2007) o conhecimento do continente africano, de sua cultura, língua, religião e outras particularidades, ajudam a conhecer melhor o Brasil e este conhecimento auxilia na desconstrução de atitudes racistas que muitas vezes estão enraizadas em nosso meio de maneira aparentemente inofensiva como o racismo a brasileira .

Diante deste desafio que é trabalhar a questão da influência da cultura africana com os sujeitos surdos usuários de uma língua diferente da língua portuguesa, desafio este pautado diante da particularidade destes sujeitos, torna-se necessário o respeito a estas particularidades para garantir o efetivo aprendizado. Reilly (2003) relata a necessidade de recursos visuais para a aprendizagem, sendo portanto primordial as adaptações das atividades relatadas neste projeto para que o estudo da influência da África na língua portuguesa fizesse sentido, fosse compreendido e aprendido pelos educandos. A falta de acesso à língua de sinais e a falta de recursos pedagógicos apropriados para a construção do conhecimento se torna uma barreira para a educação de surdos.

Percebemos, no decorrer do trabalho, a falta de acessibilidade nos espaços públicos como na visita ao Memorial Minas Gerais Vale, que não contava com intérprete para acompanhar os estudantes sendo necessário levar os três intérpretes da escola, visto que no museu os alunos são divididos em grupos para um melhor aproveitamento da visita. Sendo um local público e de imensa contribuição para a construção do conhecimento considera-se a importância da acessibilidade. Todas as atividades realizadas foram relevantes para o processo de aprendizagem: na visita ocorreu uma rica contribuição para esta visão ampliada do continente africano; os jogos por serem atividades de interação; também o trabalho com leitura do livro “Falando banto” da autora Eneida Gaspar; as atividades diversificadas como poemas, cruzadinhas, vídeos e a filmagem dos sinais realizada com os próprios estudantes após pesquisas e construções de sinais não encontrados. Outra contribuição do trabalho foi a identificação dessas palavras de origem africana que

não tinha sinal conhecido e a proposta de sinal realizado com o auxílio do instrutor.

O trabalho teve seus objetivos alcançados uma vez que contribuiu na desconstrução e construção de conceitos e valores e no aprendizado de palavras novas. Percebeu-se que o projeto ajudou na construção de uma valorização da cultura africana, pois os alunos internalizaram as contribuições importantes da África na língua portuguesa. A África para os estudantes não será mais vista somente como pobreza, doenças e miséria como disseram no início da proposta, mas agora sabem que a África teve uma imensa contribuição e que utilizamos várias palavras de origem africana no português. Este português que ainda é um grande desafio para a comunidade surda.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria de Fatima Aureliano. **Lei 10.639/03 e a inclusão do ensino de história e cultura afro - brasileira**. 2015. 28f. Monografia (graduação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pedagogia Plano Nacional de formação de professores da Educação Básica, João Pessoa, 2015.

BERGAMO, Regiane Banzatto. **Educação Especial: pesquisa e prática**. Curitiba: Ed. da IBPEX, 2010.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em 10 de jul. de 2015.

BRASIL. Decreto Federal nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, alterado pelo Decreto Federal nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004: Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. **Diário oficial da União**, Brasília, 21 dez. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm> Acesso em 23 de jul. de 2015.

BRASIL. Decreto Federal nº 5626, de 22 de dezembro de 2005: Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais -

Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato20042006/2005/Decreto/_quadro.htm> Acesso em 28 de jul.de 2015.

BRASIL. Lei 10.678 de 23 de maio de 2003. Cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 maio 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.678.htm > Acesso em 05 de jun.2015.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20/12/96, modificada pela Lei nº 10.639, de 9/01/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário oficial da União**, Brasília, 11 mar. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 29 de maio 2015.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário oficial da União**, Brasília, 09 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 16 Jun.2015.

BRASIL. Ministério da Educação. SEPP/IR. INEP. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. 2004.

CAMINO, Leôncio et al. **A face oculta do racismo no Brasil**: uma análise psicossociológica. Revista de Psicologia Política, v.1, n.1, pp. 13-36, 2001.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. In **Estudos Afro-asiáticos**, Ano 24, nº3, 2002, pp.593-599.

FELIPE, Aparecido Delton. **Narrativas para alteridade**: O cinema na formação de professores e professoras para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. 2009, 148f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2009.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: secretaria da educação, 2006.

GARCIA,K. **UM SOPRO AFRICANO EM NOSSO IDIOMA**, 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/channel/UCJr0FBHXBQkEaukeTAdsWzq>> Acesso em 06 ago. 2015

GASPAR, Eneida. **Falando banto**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação. In: KABENGELE, Munanga (org.). MEC, Secretaria de Educação Continuada, Diversidade e Inclusão. **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Revisada. Brasília, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HILDEBRAND, Hermes Renato et al. **Desenvolvimento de material didático para surdos: as relações entre imagem e escrita**. In: Congresso luso afro-brasileiro de Ciências sociais, 11, 2011, Salvador-BA. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308351587arquivo_Texto_Hermes_Renato_Final.pdf> acesso em 23 de outubro de 2015

LEONNOR, Priscilla. **Situação: a lei 10 639 a disciplina historia e cultura afro brasileira para surdos. 2014.** Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=2DfseB12IFg>> Acesso em 06 ago. 2015

LIMA, M.S.C. **Surdez, bilinguismo e inclusão:** entre o dito, o pretendido e o feito. 2004. 261f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 200 p.

MOURA, Maria Cecília de. **"O surdo: Caminhos para uma nova identidade".** 1996. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem:** sugestão de um quadro de referencia para interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>.> Acesso em 22 out. 2015

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 51-73.

REILY, Lucia Helena. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I.R.; KAUCHAKJE, S. e GESUELI, Z.M. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades.** São Paulo: Plexus Editora, 2003.

RIBEIRO, Daniela Prometi. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira:** criação de sinais dos termos da música. 2013. 107 f., Dissertação (Mestrado)- Universidade de Brasília, programa de pós-graduação em linguística, Brasília, 2013.

RIDO, Delmir. **ABC AFRO (Abecedário - África - Libras)** 2010. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=o1FsCqaffc>>. Acesso em 05 ago.2015

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Neemias. **Glossário Orixás Libras, 2015**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LC2bq0rlxnc>> Acesso em 07 ago.2015

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão. Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação, Etnicidade e Preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

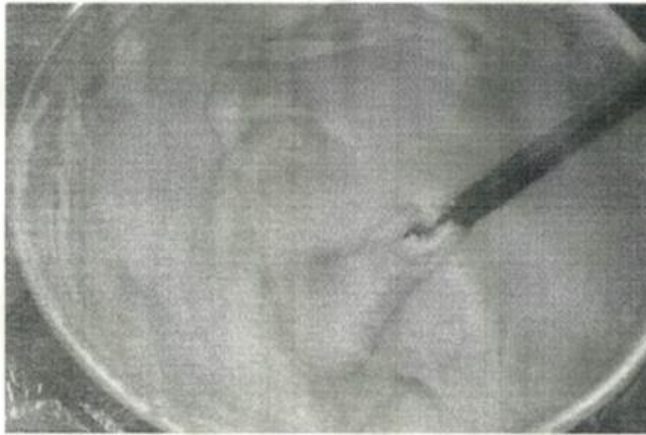
VIANNA. Glauca Santos. **Corpo Surdo: a língua, na corporeidade e na história, os sentidos**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

APÊNDICE A- Atividades de construção de frases usando as palavras de origem africana



Acarajé

Frase: BRASILELA ACOSTUMADO COMER, DIFERENTE
AFRICA COMER ACOSTUMADO GOSOSO



Angu

Frase: AFRICA QUETER UM MULHER FAZER COMER
ANGU



APÊNDICE C: Atividades da semana da diversidade

Figura 02 Alunos construindo o mural sobre a influência africana no português



Figura 03 Alunos construindo o mural a influência africana no português



Figura 04 Foto do mural finalizado para exposição na semana da diversidade



Figura 05 Recorte do mural sobre a influência africana no português, um trabalho com estudantes surdos

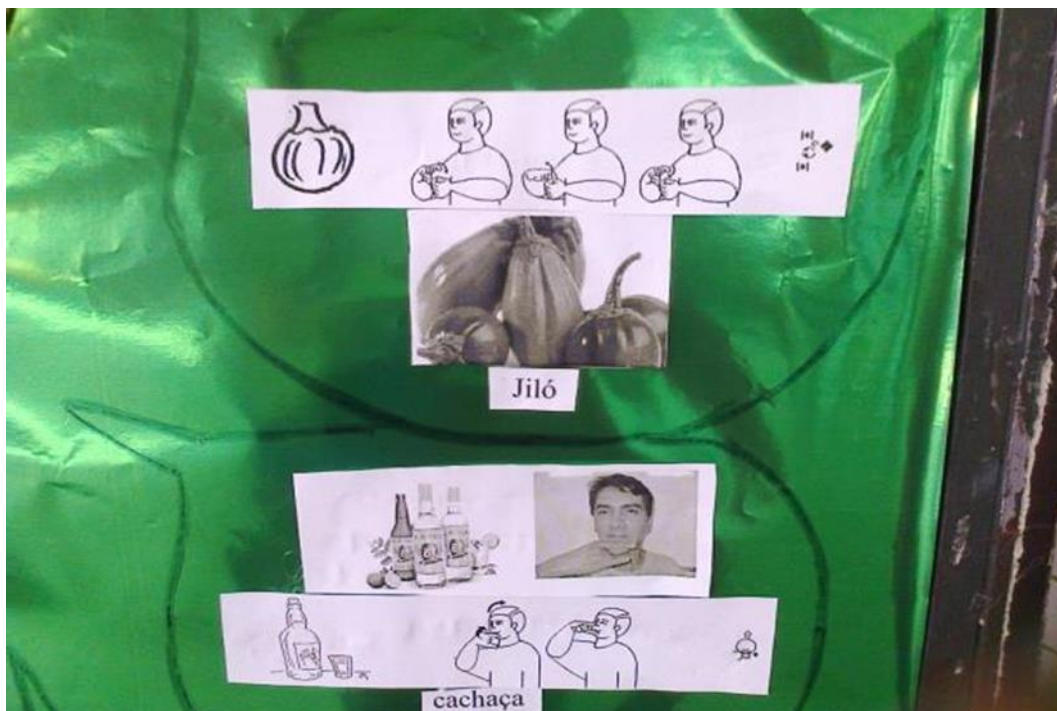


Figura 06 Recorte do mural sobre a influência africana no português

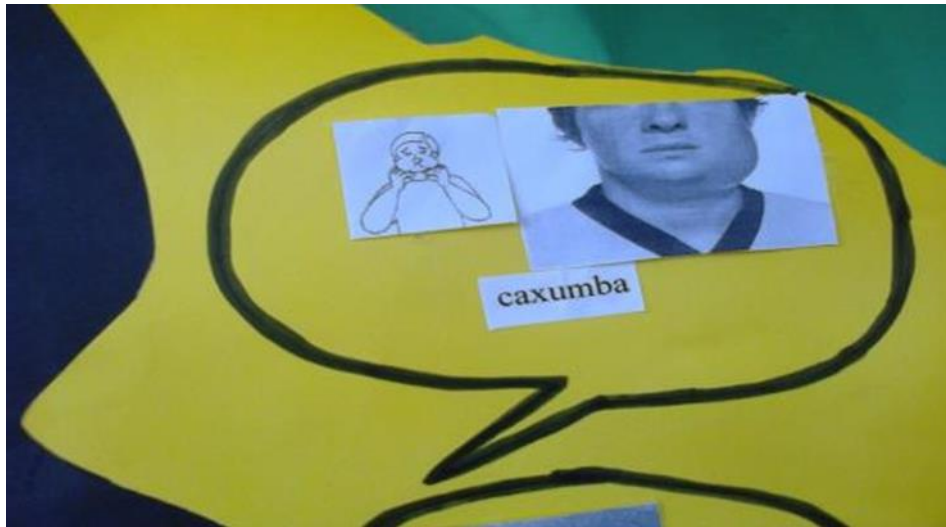


Figura 07 Recorte do mural sobre a influência africana no português



Figura 08 Semana da diversidade Tema : Valorização da cultura afro-brasileira



Figura 09 Semana da diversidade com apresentação de grupo de capoeira

APÊNDICE D- Material para construção do glossário

ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA

Prof.^a: WALQUÍRIA C. DE CASTRO FAMELLI

TRABALHO DE PORTUGUÊS

TEMA : “A INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS”

FAZER UM GLOSSÁRIO (DICIONÁRIO) DE PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA QUE SÃO UTILIZADAS NO COTIDIANO

INSTRUÇÕES:

- 1) FAZER EM UMA PASTA OU CADERNO
- 2) COLOCAR O SINAL , UMA IMAGEM E O SIGNIFICADO DE CADA PALAVRA .

DATA ENTREGA: 30 DE MARÇO DE 2016

USAMOS MUITAS PALAVRAS NO PORTUGUÊS QUE SÃO DE ORIGEM AFRICANA. DURANTE MUITO TEMPO, MILHARES DE NEGROS ESCRAVIZADOS VIERAM PARA O BRASIL DE DIFERENTES REGIÕES DE ÁFRICA COMO: ANGOLA, MOÇAMBIQUE, COSTA DO MARFIM, NIGÉRIA, GANA, ETC PARA TRABALHAR NAS LAVOURAS E NAS MINAS.

ENTÃO OCORREU UMA MISTURA DAS DUAS LÍNGUAS (LÍNGUA USADA PELOS NEGROS E LÍNGUA PORTUGUESA). ASSIM, NOSSO VOCABULÁRIO ESTÁ REPLETO (CHEIO) DE PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA.

A

ACARAJÉ: BOLINHO DE FEIJÃO, MOÍDO, TEMPERADO COM SAL E CEBOLA RALADA, MUITO BEM BATIDO ANTES DE SER FRITO NO AZEITE DE DENDÊ, E SERVIDO COM MOLHO DE PIMENTA-MALAGUETA, CAMARÕES SECOS, VATAPÁ, TOMATE E PIMENTÃO;

AGOGÔ: INSTRUMENTO MUSICAL FORMADO POR UM ÚNICO OU MÚLTIPLOS SINOS ORIGINADO DA MÚSICA TRADICIONAL YORUBÁ DA ÁFRICA OCIDENTAL.

ANGU: É UM PRATO TÍPICO DA CULINÁRIA BRASILEIRA PREPARADO GERALMENTE COM FUBÁ (FARINHA DE MILHO), POUCA ÁGUA E SAL ESCALDADOS.

B

BATUQUE: DANÇA COM SAPATEADOS E PALMAS.

BANGUELA: DESDENTADO, PESSOA SEM DENTE .

BERIMBAU: INSTRUMENTO DE PERCUSSÃO COM O QUAL SE ACOMPANHA A CAPOEIRA.

BÚZIO: CONCHA.

C

CACHAÇA: O MESMO QUE PINGA. É O NOME DADO À AGUARDENTE DE CANA, UMA BEBIDA ALCOÓLICA.

CACHIMBO: APARELHO PARA FUMAR.

CACIMBA: COVA QUE RECOLHE ÁGUA DE TERRENOS PANTANOSOS.

CAFUNDÓ: LUGAR AFASTADO, DE ACESSO DIFÍCIL.

CAFUNÉ: ATO DE ACARICIAR A CABEÇA DE ALGUÉM PARA O ADORMECER OU RELAXAR.

CAMUNDONGO: RATO-DOMÉSTICO É UM MAMÍFERO E PEQUENO ROEDOR.

CANDOMBLÉ: É UM CULTO OU RELIGIÃO DE ORIGEM AFRICANA QUE FOI TRAZIDA PARA O BRASIL PELOS ESCRAVOS.

CANJICA: NOME DADO A UMA ESPÉCIE DE MILHO BRANCO E TAMBÉM AO COMIDA QUE É PREPADA COM ESSE MILHO E OUTROS INGREDIENTES COMO LEITE OU LEITE DE COCO E AÇUCAR.

CAXUMBA: CAXUMBA É UMA INFECÇÃO VIRAL QUE AFETA AS GLÂNDULAS PARÓTIDAS – UM DOS TRÊS PARES DE GLÂNDULAS QUE PRODUZEM SALIVA.

D

DENDÊ: O FRUTO E A SEMENTE DO DENDEZEIRO, QUE É UMA PALMEIRA, NATIVA DA ÁFRICA E NATURALIZADA NO BRASIL, DOS QUAIS SE EXTRAÍ UM ÓLEO MUITO USADO NA CULINÁRIA BAIANA.

DENGO: CARINHO, MIMO, AMOR, CUIDADO.

E

EXU: ENTIDADE ESPIRITUAL, DO CANDOMBLÉ OU DA UMBANDA QUE É UMA RELIGIÃO DE ORIGEM AFRICANA.

F

FUBÁ: FARINHA FINA FEITA COM MILHO OU ARROZ MOÍDO MUITO EMPREGADA NA CULINÁRIA.

G

GUANDU: O MESMO QUE ANDU (FRUTO DO ANDUZEIRO) TAMBÉM CONHECIDO COMO FEIJÃO GUANDU E UTILIZADOS NA ALIMENTAÇÃO HUMANA; A SUA FORRAGEM TAMBÉM É BASTANTE APRECIADA PELOS ANIMAIS.

I

INHAME: PLANTA TROPICAL DE FOLHAS LARGAS E BRANCAS UTILIZADA COMO ALIMENTO. A PARTE COMESTÍVEL É FORMADA POR UM OU MAIS CAULES GROSSOS SUBTERRÂNEOS

IEMANJÁ: ORIXÁ FEMININO (DIVINDADE AFRICANA) DAS RELIGIÕES CANDOMBLÉ E UMBANDA.

J

JILÓ: FRUTO VERDE DE GOSTO AMARGO.

L

LAMBANÇA: DESORDEM, SUJEIRA, SERVIÇO MAL FEITO .

LERO-LERO: CONVERSA FIADA

M

MACUMBA: RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA COM ELEMENTOS DE VÁRIAS RELIGIÕES INDÍGENAS BRASILEIRAS E DO CRISTIANISMO.

MARIMBONDO: O MESMO QUE VESPA SÃO INSETOS RESPONSÁVEIS PELA POLINIZAÇÃO DE DIVERSAS ESPÉCIES DE PLANTAS.

MAXIXE: FRUTO VERDE ORIGINÁRIO DA ÁFRICA.

MIÇANGA: CONTAS DE VIDRO, VARIADAS E MIÚDAS, USADAS PARA FAZER COLARES, BRINCOS E PULSEIRAS.

MANDINGA: É UM TERMO DE ORIGEM AFRICANA, QUE SIGNIFICA ALGUM TIPO DE FEITIÇO OU MAGIA.

MOLAMBO: PEDAÇO DE PANO OU ROUPA VELHA E ESFARRAPADA.

MOLEQUE: MENINO JOVEM DE POUCA IDADE.

MUXIBA: CARNE MAGRA, PELANCA.

N

NENÊ: CRIANÇA RECÉM –NASCIDA OU DE POUCOS MESES.

O

OGUM OU OGUNDELÊ: É UM PODEROSO ORIXÁ, DONO DO FERRO E DO FOGO. ELE É UM GUERREIRO,UM LUTADOR QUE DEFENDE A LEI E A ORDEM.

ORIXÁ:SÃO DEUSES AFRICANOS QUE CORRESPONDEM A PONTOS DE FORÇA DA NATUREZA .

P

PAMONHA: TIPO DE ALIMENTO DERIVADO DO MILHO

Q

QUIABO: É UMA HORTALIÇA DE CLIMA QUENTE E ORIGINÁRIA DA ÁFRICA, TENDO SIDO TRAZIDA PARA O BRASIL PELOS ESCRAVOS.

QUILOMBO:LOCAIS DE REFÚGIO DOS ESCRAVOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES EM TODO O CONTINENTE AMERICANO , ACAMPAMENTO OU FORTALEZA.

S

SAMBA:UM GÊNERO MUSICAL, QUE DERIVA DE UM TIPO DE DANÇA, DE RAÍZES AFRICANAS.

SENZALA: ALOJAMENTO DOS ESCRAVOS.

T

TUTU: É UMA COMIDA TÍPICA DA CULINÁRIA BRASILEIRA FEITA COM FEIJÃO COZIDO, REFOGADO E ENGROSSADO COM FARINHA DE MANDIOCA OU DE MILHO, CARNE DE PORCO SALGADA, TOICINHO, LINGUIÇA E OUTROS.

U

URUCUBACA : INFELICIDADE CONSTANTE , AZAR , MAL QUE ATINGE ALGUÉM POR SUPOSTA FORÇA NEGATIVA DE OUTRO, MÁ SORTE.

V

VATAPÁ: COMIDA DE ORIGEM AFRICANA, À BASE DE PEIXE OU GALINHA, COM CAMARÃO SECO, AMENDOIM ETC., TEMPERADA COM AZEITE DE DENDÊ E PIMENTA.

Z

ZANGAR: MAU HUMOR, IRRITAÇÃO.

ZIQUIZIRA: DOENÇA OU MAL ESTAR CUJO NOME NÃO SE CONHECE.

ZOMBAR: TRATAR COM DESCASO

imagens

Acarajé



Agogô



Angu



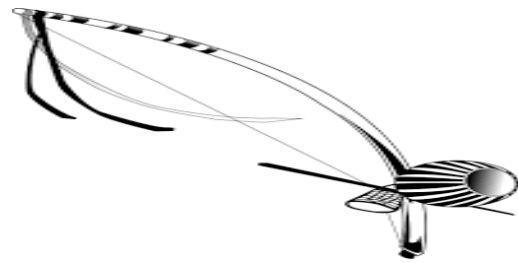
Batuque



Banguela



Berimbau



Búzios



Cachaça



Cachimbo



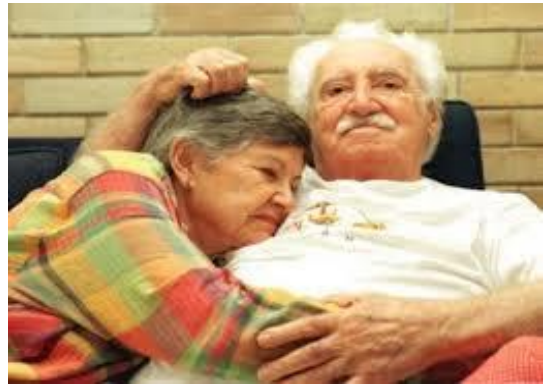
Cacimba



Cafundó



Cafuné



Camundongo



Candomblé



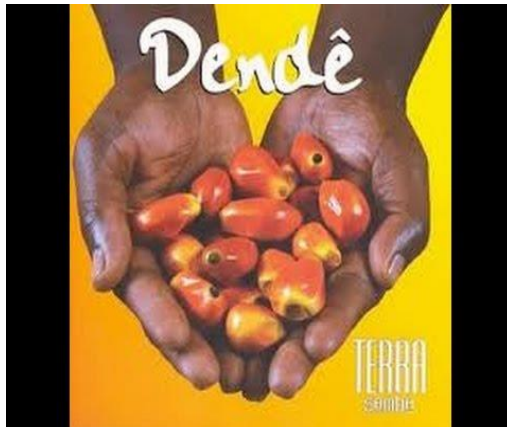
Canjica



Caxumba



Dendê



DENGO



Exu (entidade espiritual africana)



FUBÁ



GUANDU



INHAME



IEMANJÁ



JILÓ



MOLAMBO



MOLEQUE



MUAMBA



MUXIBA



NENÊ



OGUM



ORIXÁS

Orixás Sagrados da Umbanda

Fé	Amor	Conhecimento	Justiça	Lei	Evolução	Geração
 Pai Oxalá	 Mãe Oxum	 Pai Oxóssi	 Pai Xangô	 Pai Ogum	 Pai Obaluaiê	 Mãe Yemanjá
 Mãe Oyá	 Pai Oxumaré	 Mãe Obá	 Mãe Egunitá	 Mãe Yansã	 Mãe Nanã	 Pai Omulu
Tempo	Renovação	Concentração	Purificação	Direção	Decantação	Estabilização

conheça mais: www.casademiguelarcanjo.com.br

PAMONHA



QUIABO



QUILOMBO



SAMBA



SENZALA



TUTU



XODÓ



VATAPÁ



ZANGAR



ZOMBAR



ZIQUIZIRA



URUCUBACA



ANEXO A - Atividades de caça-palavras**Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca****Disciplina: Português****Profª Walquíria C. de Castro Famelli****Aluno:*****PROCURAR E CIRCULAR AS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA***

QUITANDA, CAPENGA, MARACUTAIA, SUNGA, ZANGAR, MOCHILA, BUNDA, SAMBA, BERIMBAU, COCHILO, ENGAMBELAR, CACHIMBO, XINGAR, MOLEQUE, CAÇULA, BANANA, MIÇANGA, LENGALINGA, ENCABULADO, CHIBATA, TOCAIA, MUXOXO, MOLAMBO, CAFUNÉ, BAGUNÇA, TANGA, CAPANGA, QUITUTE, CAPOEIRA, CAÇAMBA, EMBALADO, DENDÊ, AXÉ, CANGA.

X	Q	U	I	T	A	N	D	A	B	C	E	O	D	A	L	A	B	M	E
I	D	F	G	C	A	P	E	N	G	A	H	C	L	I	A	C	A	R	A
N	M	A	R	A	C	U	T	A	I	A	J	A	E	L	M	N	A	O	P
G	Q	R	S	Ç	T	O	Z	N	A	B	H	Ç	N	J	T	Q	G	U	X
A	M	Z	Q	U	A	G	N	A	Ç	I	M	A	G	A	S	U	N	G	A
R	A	I	O	L	P	N	N	B	U	Ç	A	M	A	T	V	I	A	V	Z
X	B	D	E	A	G	E	R	T	S	I	G	B	-	E	A	T	P	M	U
Z	S	N	G	A	R	D	B	A	X	E	N	A	L	N	R	U	A	U	Y
O	Ç	X	Q	V	U	S	S	N	P	Q	A	X	E	C	I	T	C	X	T
M	O	C	H	I	L	A	X	G	R	M	C	G	N	A	E	E	R	O	O
O	T	P	B	Q	Z	V	X	A	A	A	A	T	G	N	O	Q	P	X	C
L	Q	U	I	T	Q	N	D	A	G	D	F	V	A	U	P	A	T	O	A
E	B	T	J	H	Z	X	R	X	N	N	U	Ç	C	L	A	T	O	C	I
Q	Q	A	Ç	N	U	G	A	B	U	A	N	F	A	A	C	N	B	H	A
U	G	H	K	P	Ç	V	E	N	F	G	E	A	Ç	D	E	E	M	I	X
E	B	U	N	D	A	V	P	M	U	N	T	L	I	O	D	G	A	B	T
T	P	B	S	A	M	B	A	U	B	A	E	E	M	H	N	N	L	A	B
Z	X	Q	S	D	F	G	P	G	A	L	Z	L	B	X	E	A	O	T	S
B	E	R	I	M	B	A	U	N	J	A	M	A	A	Z	D	G	M	A	G
C	A	C	H	A	Ç	A	X	A	H	B	A	B	O	L	I	H	C	O	C
E	N	G	A	M	B	E	L	A	R	J	B	O	B	M	I	H	C	A	C

ANEXO B – Trabalhando com poemas

África

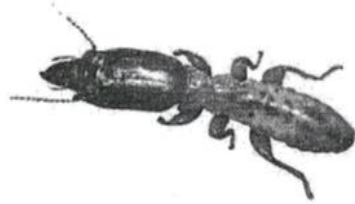


África...
Linda...
Imensa...
E mágica...
África dos Leões...
Dos elefantes...
Das girafas...
E do salalé...
Do muito...
E do pouco...
Da magia...
Da vida...
Do amor...
E da saudade...
África...
É tudo isto...
África...
É a imensidão...
Do ir...
Do amar...
E do querer... voltar...

Lili Laranja

• **Cupim**

insetos conhecido popularmente como cupim ou itapicuí (no Brasil), térmita ou térmita (em Portugal), SALALÉ (EM ANGOLA) e muchém (em Moçambique).



Interpretação do poema:

- 1) Qual o tema do poema? **ÁFRICA**
- 2) Qual a autora (quem escreveu)? **LILI LARANJO**
- 3) A África é descrita, no poema, como um local ruim ou bom? Por que? **ÁFRICA DOS LEÕES, DOS ELEFANTES DAS GIRAFAS.**
- 4) Como você imagina ser a África? Descreva.
**ÁFRICA DE PRETO POBRE PORQUE RICO DANKIRO
SER NÃO POBRE ÁFRICA DE PRETO SO' COMEDA
PRECISAR PAÍS DO ÁFRICA DO LEÕES.**
- 5) Escreva o nome dos animais que aparecem no poema e faça uma frase sobre cada um deles. **LEÕES, ELEFANTE, GIRAFAS, SALALÉ**
- 6) O que é salalé? **HOMEM PRETO MATAR SALALÉ PQ COMER
VENDER DIFERENTE IGUAL ANIMAL, COMO GOSTOSA
COMER SALALÉ DO CARNE AMOR COMIDA.**